

### José Luiz Xavier Filho

Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), graduando em Sociologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), especialista em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), e em História e Cultura Afro-Brasileira pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG), mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas (UPE), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE.

ID Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/4762429040202808>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9088-8610>

E-mail: [jlxfilho@hotmail.com](mailto:jlxfilho@hotmail.com)

## WAKANDA PARA SEMPRE: Cinema, Educação e Negritude

**Resumo:** Avançar na qualidade da educação brasileira mudaria as histórias de meninas e meninos de todo o país. Porém, existem histórias de vida mais perto, como nos espaços escolares onde os discentes afrodescendentes lutam por vez e voz, respeito, aceitação e lugar de fala. A escola tem por obrigação ser um espaço de direito, representativo, democrático, plural e diverso. Com isso, nasceu o projeto aqui exposto, realizado com alunos (as) da rede pública, de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais, com o objetivo de trabalhar o filme Pantera Negra (*Black Panther*), o primeiro filme de super-herói negro dos cinemas, analisando e compreendendo a importância da representatividade e empoderamento nas telas e como atingiu positivamente e elevou a autoestima dos estudantes negros/pretos na escola.

**Palavras-chaves:** Pantera Negra; Ensino de História; Negritude; Educação.

## *WAKANDA FOREVER: Cinema, Education and Blackness*

**Abstract:** Advancing the quality of Brazilian education would change the stories of girls and boys across the country. However, there are closer life stories, such as in school spaces where Afro-descendant students struggle at a time and voice, respect, acceptance and place of speech. The school has the obligation to be a space of law, representative, democratic, plural and diverse. With this, the project exposed here was born, carried out with public school students, from the 6th to the 9th grade of Elementary School of the Final Years, with the objective of working on the film *Black Panther (Black Panther)*, the first super movie - black hero of the cinemas, analyzing and understanding the importance of representativeness and empowerment on screens and how it reached positively and raised the self-esteem of black / black students at school.

**Keywords:** *Black Panther; History teaching; Blackness; Education.*

Submissão: 18/02/2021

Revisão: 20/04/2021

Aprovado: 14/07/2021

Publicação: 07/08/2021



## 1. INTRODUÇÃO

A história do cinema surgiu com a invenção do cinematógrafo, em 1895, um aparelho que filmava e projetava as imagens numa superfície. Desde a sua origem, a palavra filme passou a designar a encenação cinematográfica gravada sobre a película. Inicialmente silenciosos, a partir do fim da década de 1920 os filmes passaram a contar com o som sincronizado, aumentando o poder de atração do novo meio de comunicação, com a mistura de som e imagem em movimento.

Rapidamente, um novo tipo de mídia conquistava o mundo, adquirindo diferentes formas de utilização, do entretenimento ao documentário, passando pela propaganda política dos governos. Desde o início, a história foi objeto de leitura e de reconstituição. Já em 1898, o câmara polonês Boleslas Matuszewski euforicamente anunciava o valor das fotografias animadas como o testemunho verdadeiro e inquestionável da história. Foi com base nessa certeza que Matuszewski defendeu a criação de um depósito de cinematografia histórica, no qual seriam selecionados eventos considerados relevantes da vida pública e nacional (KORNIS, 1992).

Essa crença de que o filme de reconstituição histórica, seja ele ficção ou documentário, é a representação do vivido é altamente questionado pelos historiadores. O filme é uma fonte em potencial e, por isso, deve ser objeto de crítica e avaliação. Em primeiro lugar é preciso ressaltar que todo filme, independentemente do seu gênero é produto direto do tempo que foi feito. Esse elemento é fundamental para qualquer análise histórica.

Nos chamados “filmes históricos”, temos um problema específico, porque eles podem misturar livremente realidade e ficção. Por ser uma expressão artística, o filme pode se valer da imaginação para produzir “sua” história. O filme pode reafirmar clichês, desconstruir ou criar novas memórias, mesclando realidade e ficção sem grandes transtornos. Assim, o filme, seleciona, exulta ou esconde elementos do passado sem precisar justificar-se em termos de comprovação.

Com base nessas várias especificidades, o filme pode ser objeto de reflexão historiográfica? Ou serve apenas para recuperar certos elementos, modos de vida, de forma a ilustrar uma dada experiência histórica?

Se levarmos em consideração que não há História neutra, é possível afirmar que nenhuma tentativa de reconstituição do vivido serve apenas como ilustração. O filme é um documento histórico na medida em que interfere na realidade e reelabora o passado conforme as necessidades do seu presente. Quando se trata de uma reconstituição histórica, mesmo que as informações contidas sejam contestáveis, os filmes continuam a ser fontes importantes para se avaliar as visões de mundo veiculadas sobre os temas abordados. Assim, como mantém uma ligação indissolúvel com seu momento de criação, o filme revela interesses, jogos de poder e intenções do seu momento de elaboração.

Pensando nisso, e por trabalharmos em uma escola de rede pública do município da Lagoa dos Gatos - PE, a Escola Municipal Cordeiro Filho, com discentes de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais, em que 70% dos alunos são pardos e pretos; escolhemos a obra *Pantera Negra* (*Black Panther*), um filme popular de herói e de aceitação massiva, com direção de Ryan Coogler, produzido pela *Marvel Studios*, no ano de 2018, e por ser o primeiro filme da história do cinema com a maior estreia de um diretor afro-americano, bem como a maior de um filme estrelado predominantemente por atores negros e produzido por mais de 80% por funcionários negros.



**Figura 1:** Elenco do filme *Pantera Negra* (2018). Fonte: <https://comunidadesebrae.com.br/blog/pantera-negra-4-reflexoes-essenciais>. Acesso: 15 de maio de 2021.



A escolha do filme se deu através das aulas de História, objetivando assim a necessidade de se trabalhar o protagonismo negro e elevar a autoestima dos alunos pretos e pardos que não se sentem representados, quer seja na sala de aula, no livro didático, na sociedade ou nas telas de cinema; e a aplicação da Lei n. 10.639/2003 que versa sobre a inserção do estudo da História da África e cultura afro-brasileira e as resistências que percebemos em nossa prática, na abordagem sobre o que se refere ao continente. Ora por estranheza, desconhecimento e discriminação, em sala de aula observa-se uma recusa constante, uma negação por este conteúdo e esse diagnóstico é visível, vindo de professores ou estudantes.

Não faz parte do nosso objetivo, nesse artigo, trabalhar a sinopse do filme ou esmiuçar a obra como um trabalho de crítica cinematográfica, mas sim, compartilhar o que foi vivenciado em sala de aula e a forma como abordamos as temáticas junto aos alunos. O cenário está mudando, graças aos movimentos negros, indígenas, às ações midiáticas, às políticas de ações afirmativas, entre outros, que mostram que é possível e necessário, contar novas histórias, valorizando as narrativas que os outros, também querem fazer de si e de seu povo, e que sejam compreendidas, apreciadas e difundidas.

Pantera Negra é uma obra cinematográfica de porte imenso, do gênero de ação e aventura, e coloca em primeiro plano, como heróis e heroínas, pessoas negras, em continente africano, numa trama que envolve cultura, humor, tecnologia, tensões, inteligência, romance, ciência, dinheiro, saberes compartilhados, conflitos pessoais e familiares que são comuns à maioria das pessoas, inclusive a negras e negros.

## 2. O SABER E O FAZER HISTÓICO EM SALA DE AULA

Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe ódio entranhando e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ponto exige ou se valendo levemente da cola para passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude.

A História como lhes é ensinada é, realmente, odioso (MENDES, 1935, p 41).

É pensando dessa forma também, que a historiadora Elza Nadai, iniciava seu texto sobre a trajetória do ensino da História no Brasil e contemplava indagando:

Terão os estudantes superado a ideia de que a História como é ensinada é realmente odiosa, e os professores partido para a organização de outras práticas pedagógicas mais significativas? (NADAI, 1992/1993, p. 143).

A interrogação suscitada pressupõe uma reflexão acerca da predominância, ainda hoje, de uma metodologia do ensino de História baseada na repetição enfadonha dos conteúdos pelos alunos. Pode-se verificar uma mudança na forma de pensar o ensino de modo geral e o ensino de História em particular. Essas mudanças estão sendo mediadas por um conjunto de fatores que rompem a sala de aula, estimulando a construção e o compartilhamento de conteúdos por professores e alunos.

Assim, o que se procura é uma prática docente distanciada o mais possível da imagem do “professor-enciclopédia”, detentor do saber, buscando a construção de um “professor-consultor”, que contribui para a construção do conhecimento de seus alunos em sala de aula. É na sala de aula que se realiza um espetáculo cheio de vida e sobressaltos. Cada aula é única. Nesse espetáculo a relação pedagógica é, por essência, plural; uma relação que “o professor fornece a matéria para raciocinar, ensina a raciocinar, mas, acima de tudo, ensina que é possível raciocinar” (SNYDERS, 1995, p. 109).

Ensinar História passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom, como comumente ouvimos os alunos afirmarem. O aluno que declara “eu não sirvo para aprender História” evidencia a interiorização de



preconceitos e incapacidades não resolvidas. Ele deve entender que o conhecimento histórico não é uma mercadoria que se compra bem ou mal.

Assim, a aula de História é o espaço em que um embate é travado diante do próprio saber: de um lado, a necessidade de o professor ser o produtor do saber, de ser partícipe da produção do conhecimento histórico, de contribuir, pessoalmente para isso; de outro, a opção de se tornar tão somente eco do que já foi dito por outros.

A sala de aula não é apenas o espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões, no qual se torna inseparável o significado da relação entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa. Na sala de aula, evidenciam-se, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica.

Por fim, é importante destacar que a História tem uma função didática de formar uma consciência histórica cada vez mais complexa, com a perspectiva de fornecer elementos para a orientação, interpretação do passado, para dentro, construindo identidades, e para fora, fornecendo sentidos para a ação na vida prática.

O filme *Pantera Negra (Black Panther)*, compreendido como um objeto de análise, traz consigo aspectos que ultrapassam os objetivos de quem o criou, porque sua produção está sempre inserida numa realidade histórica. Sua utilização como recurso didático pressupõe um exercício crítico, no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler. Considerando esses elementos, o filme pode ser um poderoso aliado para discussão de comportamento, visões do mundo, valores e identidades de uma sociedade em um dado momento histórico. Nesse caso aqui exposto, a representatividade da película e o impacto na parcela negra/preta do espaço escolar.

### 3. HISTÓRIA COM CINEMA: NOVA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO

Da mesma forma que a primeira geração da Escola dos Annales, o movimento francês que transformou a historiografia contemporânea, tirou o foco do documento escrito, das fontes oficiais e consagradas pela História Tradicional, buscando novas fontes escritas e não escritas como as lendas, o folclore, as formas de pensar o mundo, associando a História a outras ciências, entre elas a Sociologia e a Antropologia. Marc Ferro (2010), historiador da terceira geração dos Annales, propõe a análise do filme não por uma abordagem semiológica, estética, ou meramente pela história do cinema.

A proposta do historiador francês é que o filme seja concebido como um produto, uma imagem-objeto (FERRO, 2010), que o pesquisador o analise integrado à sociedade que o produziu, que o consumiu e das abordagens históricas autorizadas em um dado momento do que propriamente do período que quis mostrar.

Segundo o autor, a recusa do historiador em olhar para o filme como documento se dava por diversas razões: a falta de reconhecimento legítimo socialmente, a não confiabilidade já que era considerado

Um truque, uma falsificação. O historiador não poderia apoiar-se em documentos desse tipo. Todos sabem que ele trabalha numa caixa de vidro, “eis minhas referências, minhas hipóteses, minhas provas”. Não viria ao pensamento de ninguém que a escolha de seus documentos, sua reunião, a ordenação de seus argumentos têm igualmente uma montagem, um truque, uma falsificação (FERRO, 2010, p. 29).

Assim como o historiador, ao trabalhar com um documento, necessita entender, entre outros elementos, a linguagem desse documento, no trabalho com o cinema, é essencial que o professor tenha um domínio básico da linguagem cinematográfica para poder usufruir junto com seus alunos o máximo das potencialidades do uso do filme em sala de aula.

A partir da seguinte sequência didática, será possível conhecer e compreender um pouco melhor,



e analisar criticamente, como trabalhamos o filme *Pantera Negra* (Black Panther) na sala de aula com turmas de 6º ao 9º do Ensino Fundamental dos Anos Finais, nas aulas de História, e também, analisar criticamente o papel da linguagem cinematográfica na construção dos significados da película e o impacto gerado na elevação da autoestima dos estudantes afrodescendentes.

- **Sequência didática:**

1. **Atividade:** Cultura Africana, simbolismos, negritude e representatividade no filme *Pantera Negra* (Black Panther).

2. **Objetivos:** apresentar o cinema como expressão artística, técnica e cultural do século XXI; possibilitar aos alunos a experiência de assistência atenta e crítica a uma produção cinematográfica; desconstruir a ideia de cinema só como entretenimento; propiciar, aos alunos, a análise do longa-metragem *Pantera Negra* como um produto historicamente construído, apresentando o diretor do filme como um sujeito e agente histórico que se posiciona em relação aos processos históricos e políticos de sua época; tratar o filme como fonte documental; proporcionar o lazer-educativo a alunos na linha da pobreza extrema.

3. **Desenvolvimento:**

- Foi feito anteriormente um levantamento entre os alunos sobre a frequência com a qual eles assistem a filmes e qual o gênero de filmes que eles mais gostavam. Assim, entendemos que nenhum dos alunos tinham ido ao cinema ainda, por isso montamos uma sala especial, com recursos próprios do professor de História, José Luiz Xavier Filho, utilizando projetor, notebook (laptop), mídia física do filme, tela de projeção.
- Foi exposto aos alunos os objetivos do trabalho, enfatizando a proposta da utilização do filme como um documento histórico. Perguntamos sobre o que eles sabiam sobre a história do herói, de onde ele

vinha, qual o continente que ele fazia parte, sobre suas características, e comentários gerais sobre a obra.

4. **Relatórios cobrados:** 1º escrever com suas próprias palavras a história contada no filme, 2º pesquisar sobre as origens dos nomes africanos, 3º características dos grupos étnicos apresentados no filme, principais costumes, vestimentas e funções de cada um, 4º identificar o tempo em que se passa a narrativa, 5º quais as características políticas e sociais do país fictício de Wakanda.

5. **Análise da obra cinematográfica:** cenários (como foram construídos), trilha sonora (entender a função das músicas africanas e suas características que elevam a negritude e orgulho do povo negro/preto), narração (qual o papel do narrador).

6. **Análise do tempo presente:** entender as condições nas quais o filme foi produzido, o que estava acontecendo no ano de 2018, quais os objetivos de se fazer um filme e o porquê de empregar um corpo de trabalhadores para produzir o filme em sua maioria negra, que tipo de pesquisa foi feita para produzir a película, qual a repercussão da produção na época e para os dias atuais, quais as críticas que o filme recebeu pelo público e pela mídia especializada, apresentar o posicionamento do diretor do filme no período ou eventos que ele tentou representar.

7. **Observação de caráter mais étnico:** observar os trechos nas quais há referência a democracia e pluralidade étnica, aos africanos, aos afrodescendentes e como aplicar a vida pessoal de cada aluno que está assistindo.

Embora o filme seja longo (mais de duas horas), a proposta é que os alunos assistam integralmente, sendo posteriormente selecionados trechos para análise. Exibindo pausadamente para algumas passagens que levantem debates étnico-raciais.



Proporcionamos uma aula extra para que cada grupo discutisse e socializasse internamente suas anotações e observações sobre a assistência atenta e a pesquisa extraclasse que foi exigida para completar o solicitado. Solicitamos que expusessem, discutissem e complementassem suas anotações e pesquisas em grupo. Propomos aos alunos que organizassem painéis com as informações colhidas e disponibilizamos espaços para que cada grupo apresentasse suas observações e impressões do filme.

#### 4. “JOGUE-ME NO OCEANO COM MEUS ANTEPASSADOS QUE PULARAM DOS NAVIOS, PORQUE SABIAM QUE A MORTE ERA MELHOR DO QUE A ESCRAVIDÃO”

A frase de abertura dessa seção é dita pelo personagem do filme, *Erik Killmonger*, interpretado pelo ator Michael B. Jordan. Decidimos usar ela como abertura pelo impacto das últimas palavras de *Killmonger* no longa, que ressoam muito além do universo cinematográfico da Marvel, tendo um grande impacto na comunidade negra e nas discussões atuais em um mundo cada vez mais polarizado.

Pantera Negra foi o primeiro filme solo sobre o herói negro da Marvel, criado em 1965. Mais do que isso, trouxe a questão da representatividade negra na cultura pop ao centro da discussão. A figura do Pantera Negra no filme é retratada como forma de resistência e representação para a população negra tanto presente no filme quanto na vida real, consumindo esse audiovisual.

Grande parte do mérito de Pantera Negra foi ter trazido para o mainstream a discussão sobre o afrofuturismo<sup>6</sup>. A narrativa afrofuturista está muito

presente: Wakanda como um país do continente africano com uma tecnologia e sociedade bem desenvolvida, e a sua principal fonte tecnológica é o *vibranium*, um metal poderoso e resistente, que é criado somente neste país e constantemente é perseguido por diversos vilões e heróis nos quadrinhos e no filme. O que mais chama a atenção na trama é a estética que mistura tecnologia e africanidade.

Pantera Negra é, constantemente, citado como um longa representativo sobre a luta antirracista por especialistas no tema. Tanto no plano nacional quanto no plano internacional, temos um histórico de estereótipos degradantes da figura do negro. Com isto, em 2018, muito recentemente, a Marvel faz o primeiro filme de um super-herói negro, o que é fundamental e muito importante quando pensamos em termos de representatividade.

É importante considerar que representatividade, negritude e identidade negra no espaço escolar, embora estejam relacionadas com a cor da pele negra e às leituras que sobre esta recaem ou lhe são impostas, não são essencialmente de ordem biológica. Elas colocam em diálogo algo mais profundo que atravessa a história dos povos africanos e da diáspora tornando-se um ponto comum: o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

Por isso a luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra, são processos complexos, desafiadores e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato

<sup>6</sup> O Afrofuturismo é uma maneira de imaginar futuros possíveis pelas lentes da cultura negra. É um meio de encorajar a experimentação, reimaginar identidades e ativar a libertação. Ele redefine a cultura e as noções de negritude, tanto nos dias atuais quanto para o futuro. Ytasha ressalta produções como

Matrix, O Livro de Eli, trilogia Blade e os filmes de Will Smith para mostrar como as narrativas estão se transformando quando os negros assumem o protagonismo (WOMACK, 2013).



de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e pardos.

A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros.

A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter negado sua existência (MUNANGA, 2012, p. 20).

Sendo assim, a negritude torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e suas culturas negadas. Vista desse ângulo, para os estudantes negros/pretos cujas plenas revalorização e aceitação da sua herança africana faz parte do processo do resgate de sua identidade coletiva, a negritude faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade e, por isso, um tema ainda em atualidade.

Enquanto uma única pessoa continuar a ser caracterizada e discriminada pela cor da pele escura, enquanto uma única pessoa se obstinar, por causa de sua diferença, a lançar sobre outra pessoa um olhar globalizante que a desumaniza ou a desvaloriza, a negritude deverá ser o instrumento de combate para garantir a todos o mesmo direito fundamental de desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito das culturas do mundo. A negritude fornece nesses tempos de globalização, um dos melhores antídotos contra as duas maneiras de se perder: por segregação cercada pelo particular e por diluição no universal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o filme na escola pode trazer momentos de muito prazer e conhecimento para alunos e professores. O trabalho pedagógico voltado para a formação da cidadã do aluno no Ensino Fundamental dos Anos Finais teve com metas eleger estratégias didáticas que levassem os alunos negros/pretos a construir valores, habilidades e atitudes ligadas ao exercício de sua cidadania, inclusão e representatividade da sua cor e a não se sentir inferiorizado.

O cinema ao criar uma narrativa que dá voz às questões culturais e históricas dos povos africanos como é o caso de Pantera Negra, é aqui entendido não apenas como uma representação visual comumente, mas sendo uma produção política e estética que pretende trazer à tona uma reflexão crítica sobre as desigualdades provenientes dos processos colonizadores. Como podemos pensá-la no cotidiano da educação? Introduzir reflexões sobre a importância da cultura africana é fundamental, e deve acontecer desde cedo na vida das crianças e adolescentes, compartilhando referências e aprendizados, os educadores podem dialogar através de dinâmicas interativas, e educar tendo sempre como fio condutor o de despertar o pensamento crítico com vistas a uma educação democrática.

O problema do racismo, longe de ser meramente intersubjetivo é estrutural, mas é importante que práticas pedagógicas sejam inseridas no cotidiano. Há, dentro das instituições ainda uma resistência para trabalhar esses temas, o que contribui para a invisibilidade da questão étnico-racial. No caso brasileiro, em que historicamente as estruturas se caracterizam pela deficiente preocupação com a temática, é fundamental que as instituições se atualizem para que, então reajustados, sejam eficazes na luta antirracista.

Dada a realidade do racismo, é essencial atuar com novas propostas epistêmicas, a Escola deve se preocupar com as relações de sujeições coloniais que permanecem após o fim da colonização, penso que referências nesse sentido e a análise de filmes que abordam essa temática é um passo assertivo para trabalhar com os alunos. Por fim, é fundamental destacar que outros campos além



do espaço escolar se debruçam sobre esta temática, enriquecendo e ampliando essa discussão.

Por isso, pensar em educação e projetos que a fortifiquem, já é fortalecer as referências negras/pretas na escola e no imaginário coletivo, dando visibilidades aos grandes expoentes na cultura e pensamento nacional e efetivando a Lei 10.639/2003, de ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação. A consciência de uma pessoa negra geralmente acontece, se acontecer, na fase adulta, após ela passar por muitos sofrimentos de negação de negritude, de seu cabelo e da sua cor da pele, por exemplo.

Se realmente queremos construir uma sociedade igualitária, é necessário compreender qual o papel que cada estrutura socioeconômica desempenha na reprodução do racismo, a fim de desenhar estratégias eficazes para o seu enfrentamento. Nesse cenário, o combate à desigualdade racial na educação é essencial, enquanto elemento indispensável para qualquer mudança, de modo que sem uma educação efetivamente antirracista não é possível pensar em uma sociedade igualitária.

Uma educação antirracista, que fale sobre a história afro-brasileira, contribui para, já nos primeiros anos de vida, mostrar que a população negra foi de extrema importância para acúmulo de desenvolvimento e riquezas no Brasil e no cenário cultural em relação às artes. Para os estudantes negros/pretos, uma educação básica antirracista traz autoestima e incentivo, e, para os brancos, consciência sobre racismo e seus impactos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEF, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moras; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 2010.

KORNIS, Mônica. História e Cinema: um debate metodológico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

MENDES, Murilo. **A História no curso secundário**. São Paulo: Gráfica Paulista, 1935.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 20.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993. (Memória, história e historiografia – Dossiê Ensino de História, ANPUH/ Marco Zero).

SNYDERS, Georges. **Feliz na Universidade**. Estudo a partir de algumas biografias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture**. Brooklyn: Lawrence Hill Books, 2013.

Como citar este artigo:

XAVIER FILHO, José Luiz. **“Wakanda para sempre”**: cinema, educação e negritude. *Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek*, Rio Grande, p. 36-43, v.3, n.5, jan.jun. 2021.